



Desafios Contemporâneos em Relações Públicas: um olhar acerca da (In)comunicação entre a *Casa do Brasil de Lisboa* e as Mulheres Imigrantes Brasileiras em Portugal¹

Jéssica de Cássia ROSSI²

Marcelo da SILVA³

Raquel CABRAL⁴

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, SP
Universidade Metodista (UMESP), São Bernardo do Campo, SP
Universidade Sagrado Coração (USC), Bauru, SP
Universidade *Jaume I* - Espanha

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como a atividade de Relações Públicas pode promover diálogos no contexto de *(in) comunicação* contemporânea por meio de um olhar acerca do relacionamento entre a *Casa do Brasil de Lisboa (CBL)* e as mulheres imigrantes brasileiras. Para tanto, inicialmente nos fundamentamos na perspectiva de Wolton (2006/2011) no que tange à *(in)comunicação* na atualidade e a natureza da comunicação. Em seguida, apresentamos o conceito de Relações Públicas, seus principais valores democráticos e os modelos de comunicação que são levados a efeito pela atividade. Por fim, analisamos o relacionamento entre a CBL e as mulheres imigrantes brasileiras e apontamos algumas considerações a respeito.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; relações públicas; *Casa do Brasil de Lisboa*; mulheres imigrantes brasileiras em Portugal.

INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos não proporcionaram somente conquistas aos seres humanos, eles trouxeram também muitos prejuízos, principalmente quando se trata da comunicação. Cada vez mais, as tecnologias têm nos tornado mais individualistas e nos levado a nos relacionarmos presencialmente cada vez menos. Dessa forma, os relacionamentos humanos tem se tornado mais superficiais. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar como a atividade de Relações Públicas pode promover diálogos no contexto de *(in)comunicação* contemporânea por meio de um

¹ Trabalho apresentado no DT 3 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Doutoranda em Ciências Sociais da FFC-UNESP- Marília; Mestra em Comunicação Midiática pela FAAC – Unesp – Bauru; Professora do curso de Relações Públicas, da USC, email: jessiacrossi@yahoo.com.br.

³ Doutorando em Comunicação da UMESSP; Mestre em Comunicação Midiática pela FAAC - Unesp- Bauru; Professor e Coordenador do curso de Relações Públicas, da USC, e-mail: marcelosilva_rp@hotmail.com.

⁴ Mestra em comunicação Midiática pela FAAC- Unesp - Bauru e Doutora em Comunicação Institucional pela *Universidade Jaume I da Espanha*. kel_cabral@hotmail.com



olhar acerca do relacionamento entre a *Casa do Brasil de Lisboa* (CBL) e as mulheres imigrantes brasileiras.

Para tanto, inicialmente, explicamos os aspectos negativos que as tecnologias têm proporcionado para os seres humanos e como, na visão de Wolton (2006), podemos compreender esse contexto de *(in)comunicação* na hodiernidade, evidenciando o escopo classificatório da comunicação proposto pelo autor. Em seguida, expomos o que é a atividade de Relações Públicas, seus principais valores democráticos e os modelos de comunicação que são utilizados por ela. Acreditamos que quando a atividade é exercida em contextos autoritários, a mesma perde seus princípios democráticos ser for usada somente para persuadir e enganar pessoas e públicos. Dessa forma, a atividade de Relações Públicas apresenta-se como uma possibilidade de diálogo, se for aplicada em contextos abertos à construção de relacionamentos duradouros, de lealdade e confiança.

Isto posto, realizamos uma análise – ainda incipiente - do relacionamento entre a CBL e as mulheres imigrantes brasileiras. Nesse processo, mostramos os fatores contextuais que levaram à migração de muitas pessoas para Portugal, relatamos como é o relacionamento entre a sociedade portuguesa e as mulheres imigrantes brasileiras e que percepções os portugueses têm da mulher brasileira, indicando como é a atuação da *Casa do Brasil de Lisboa* (CBL) junto a essas mulheres e realizamos uma breve análise desse relacionamento. Por fim, apontamos algumas considerações sobre essas questões e propomos como o profissional de Relações Públicas pode ajudar nessa interação de forma dialógica, solidária e de compreensão mútua.

(IN) COMUNICAÇÃO⁵ CONTEMPORÂNEA

Na atualidade, a presença maciça das tecnologias em nossas vidas vem sendo muito exaltada pelas pessoas. Acredita-se que nunca na história da humanidade o homem tenha tido tanto acesso à informação como vem ocorrendo na sociedade hodierna. Para muitos, tal situação tem proporcionado uma série de oportunidades e avanços nas relações sociais. Do ponto de vista dos estudos da comunicação, vivemos uma nova forma de cultura em que as tecnologias estão muito próximas dos seres humanos. Esta nova cultura, denominada de cibercultura, seria a superação dos limites comunicacionais que estavam ligados aos meios de comunicação de massa. Nela, o

⁵ Termo proposto por Wolton (2006) para explicar a situação de comunicação que vivemos na atualidade e que usamos em nosso artigo para compreender o relacionamento entre a *Casa do Brasil de Lisboa* e as mulheres imigrantes brasileiras em Portugal.



emissor e o receptor da mensagem ocupariam, ao contrário das situações anteriores, papéis ativos e ‘iguais’ no processo comunicacional, haja vista a negociação de sentidos e ressignificação possíveis na recepção de mensagens.

Neste trabalho acreditamos que essa igualdade de papéis do emissor e do receptor até pode estar ocorrendo, mas com ressalvas e restrições, porque um maior acesso à informação não significa maior comunicação entre os seres humanos. A informação está disponível em todos os lugares até mesmo “na palma das nossas mãos”, com os celulares e *tablets*, entretanto, ela não é uma condição para as interações comunicativas. Na verdade, a introdução das tecnologias em nossas vidas tem cada vez mais, nos convertido em pessoas hiperindividualistas e nos levado a nos comunicarmos cada vez menos. Se antes conhecíamos quem eram nossos vizinhos, hoje sequer sabemos os seus nomes. Não interagimos mais com o outro que está ao nosso lado.

Sobre essa situação atual, Wolton (2006) nos aponta uma classificação interessante para compreendê-la. O autor nos diz que toda a situação de comunicação é composta por duas dimensões: a *normativa* e a *funcional*. Segundo ele, na obra “É preciso salvar a comunicação”:

[...] A dimensão normativa remete ao ideal da comunicação: informar, dialogar, compartilhar, compreender-se. A dimensão funcional, como seu nome indica, ilustra o fato de que, nas sociedades modernas, muitas informações são simplesmente necessárias para o funcionamento das relações humanas e sociais. (2006, p.15).

Essas dimensões da comunicação nos acompanham em nossas vidas. A primeira é a dimensão que nos permite realmente comunicarmos com os seres humanos e a segunda dimensão, é aquela em que temos acesso à informação, que nos ajuda em atividades funcionais do nosso cotidiano.

A partir dessa classificação do autor, podemos dizer que na contemporaneidade estamos vivendo muito mais a dimensão *funcional* da comunicação. A dimensão *normativa* perdeu-se no tempo e não estamos conseguindo encontrá-la. Devemos compreender que informação não é sinônimo de comunicação. Na realidade,

[...] Informar é produzir e distribuir mensagens o mais livremente possível. A comunicação, em contrapartida, supõe um processo de apropriação. É uma relação entre o emissor, a mensagem e o receptor. Comunicar, portanto, não é apenas produzir informação e distribuí-la, é também estar atento as condições em que o receptor a recebe, aceita,



recusa, remodela em função de seu horizonte cultural, político e filosófico. (WOLTON, 2006, p.16).

Dessa maneira, nos encontramos em uma “sociedade da informação”, mas não em uma “sociedade da comunicação”, como defendido por alguns teóricos da área, sobretudo aqueles mais deslumbrados com o potencial da tecnologia e das novas formas de interação inauguradas pelas redes sociais virtuais.

A partir deste raciocínio, Wolton (2006) afirma que estamos vivendo os riscos da (*in*)comunicação, pois não há mais relação direta entre o crescimento do volume de informação e o crescimento da comunicação. Os diversos grupos sociais existentes não se relacionam mais entre si, estamos, cada vez mais, nos afastando uns dos outros. Por isso, como possibilitar a comunicação em um cenário como este e como as Relações Públicas podem atuar nesse contexto? Para responder a essas perguntas, iremos conhecer o que é a atividade de Relações Públicas e lançar alguns olhares sobre o relacionamento entre as organizações sociais e as mulheres imigrantes brasileiras em Portugal, para tentar respondê-las ou construir novos cenários para essa problemática, já que estamos convencidos, na coxia de Wolton (2006, p.31) que a contemporaneidade “não impede a incomunicação, nem o fracasso, nem a solidão”.

RELAÇÕES PÚBLICAS: ASPECTOS CONCEITUAIS

Em sua essência, a atividade de Relações Públicas tem como princípio a busca pela igualdade, compreensão e respeito pelo outro. Características que a ligam à busca do diálogo entre os seres humanos. Sua origem e desenvolvimento estão ligados ao contexto da democracia, os quais ocorreram nos Estados Unidos no início do século XX, a fim de intermediar as relações entre os grandes empresários da época com a opinião pública. A atividade se desvia de seus valores fundamentais quando é exercida em contextos autoritários, como ocorreu no durante o *Governo de Getúlio Vargas* e na *Ditadura Militar* no Brasil (PINHO, 2011) Nesses casos, a atividade foi usada para persuadir e manipular as pessoas a aceitarem as políticas dessas gestões autoritárias, não sendo exercida para estimular o diálogo, a participação, a cidadania e o debate público.

Quando exercida dentro de sua deontologia e ancorada à sua essência, a atividade de Relações Públicas pode ser definida como:



[...] uma função da administração distinta, que ajuda a estabelecer e manter linhas mútuas de comunicação, entendimento, aceitação e cooperação entre a organização e os seus públicos; envolve a gestão de problemas ou temas importantes; ajuda a administração a manter-se informada sobre a opinião pública e pronta a responder perante ela; define e sublinha a responsabilidade da administração em servir o interesse do público; ajuda a administração a ficar a par da mudança e a usá-la, serve como um mecanismo de aviso prévio para antecipar modas; usa a pesquisa e uma comunicação racional, sã e ética como ferramentas principais. (CUTLIP et. al., 2005, p.4 – *tradução nossa*).

A partir dessa definição, percebemos que a função da atividade de Relações Públicas é gerenciar o relacionamento da organização com seus públicos por meio de ações e instrumentos que levem à compreensão, o respeito e à igualdade entre ambos. É uma atividade que trabalha diretamente com a opinião pública em busca da transparência nas atitudes das partes envolvidas.

A todo o momento o profissional de Relações Públicas precisa criar relacionamentos e estratégias de comunicação que possibilitem a interação entre o emissor e o receptor da mensagem. Sem essa interação, a atividade de Relações Públicas perde o seu valor. O contato com o outro é um ponto sensível de cuidado; a interação entre dois sujeitos sociais distintos envolve a clareza de percepções entre as partes. As ações e os discursos não podem ser interpretados erroneamente. Disso podem surgir as crises entre a organização e os públicos e a necessidade de negociações de pontos em conflito e insatisfação. Desse modo, a comunicação é utilizada por meio da troca de informações para influenciar os envolvidos, o que pode fomentar um intercâmbio de propostas que atendam parcialmente os interesses divergentes. A influência pode ser unilateral ou bilateral, depende do contexto da situação. Neste ponto, a comunicação pode ter diferentes sentidos, pode servir para esclarecimentos, informações, imposições e/ou justificações.

Embora, em sua essência, a atividade de Relações Públicas seja democrática e busque o diálogo entre as partes, a mesma pode ser exercida de diferentes maneiras - como já comentamos anteriormente - em relação a contextos autoritários. Por haver essas diferentes possibilidades, Kunsch (1997) nos apresenta quatro modelos em que a atividade de Relações Públicas pode ser desenvolvida, a saber:

- *Imprensa/Propaganda*: visa a difusão de informações sobre a organização para chamar a atenção da mídia. O fluxo comunicacional é unidirecional (de mão única), não há troca de informações entre as partes. É o método mais antigo de



todos, voltado apenas para interesses mercadológicos. Esse foi o modelo de comunicação utilizado durante o *Governo Vargas* e na *Ditadura Militar*.

- *Informação Pública*: a partir de critérios jornalísticos visa disseminar informações objetivas por meio das mídias. A comunicação também é unidirecional, difere-se da anterior por ter mais credibilidade.
- *Persuasão Científica*: utiliza a pesquisa e outros métodos de comunicação para desenvolver mensagens persuasivas e manipuladoras. É uma interação bidirecional (de mão dupla), mas as informações são usadas apenas para os interesses da organização, por isso, é assimétrica.
- *Compreensão Mútua*: busca o equilíbrio de interesses entre o binômio organização - públicos. Por meio de pesquisas e da comunicação administra conflitos e melhora a compreensão entre atores envolvidos. Desta forma, promove uma comunicação bidirecional e simétrica, sendo a visão mais atual das Relações Públicas. É o modelo mais democrático de comunicação na atividade de Relações Públicas.

Percebemos que há um processo evolutivo para se desenvolver a atividade de Relações Públicas de forma democrática. Conforme se estabelece o equilíbrio na relação entre a organização e seus públicos, a negociação nos interesses dos diferentes públicos pode tornar algo comum. Desse modo, é possível se buscar a cooperação entre um e outro, compreendendo, na esteira de Wolton (2006, p. 31) que “ser eu mesmo e livre, não garante necessariamente encontrar o outro”, o que se aplica aos contextos organizacionais, nos quais as empresas estão muito mais focadas na busca de suas metas mercadológicas que no encontro de seus vários “outros”, que são os públicos de interesse.

Entretanto, a cooperação entre dois grupos sociais distintos não é algo simples de se obter. A compreensão pressupõe a interpretação de significados para cada uma das partes. Por isso, o profissional de Relações Públicas deve - ou pelo menos deveria - conhecer os valores dos grupos envolvidos; ele precisa pesquisar o modo de ser de cada um, ou seja, sua dimensão cultural, política, languageira e idiossincrática. Ao entender o sentido que as coisas têm para cada um, fica mais fácil compreender aquilo que o outro quer. Desta forma, a organização e seus públicos podem dialogar entre si acerca de seus interesses específicos para promover a negociação e a cooperação entre ambos. O



profissional faz a mediação desse contato ao conhecer, dialogar e negociar com o outro promovendo a comunicação, na visão de Wolton (2006), na dimensão normativa.

[...] livre, mas sozinho, numa sociedade em que os laços familiares, corporativistas, socioculturais são muito menos fortes do que outrora. O risco da solidão é o preço a pagar por essa liberdade de ser e de conexão. (2006, p.31).

Frente ao contexto de *(in)comunicação* proposto por Wolton (2006) e a capacidade do profissional de Relações Públicas promover a comunicação de forma democrática, via modelo de *compreensão mútua*, analisamos o tipo de relacionamento construído entre a *Casa do Brasil de Lisboa* e as mulheres imigrantes brasileiras em Portugal. Verificamos qual das dimensões da comunicação propostas por Wolton (2006) existe neste relacionamento e como o profissional de Relações Públicas poderia atuar neste contexto.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS⁶ EM RELAÇÕES PÚBLICAS: UM OLHAR ACERCA DA (IN)COMUNICAÇÃO ENTRE A CASA DO BRASIL DE LISBOA E AS MULHERES IMIGRANTES BRASILEIRAS EM PORTUGAL

Ao longo de sua história, o território lusitano sempre foi um país que enviava emigrantes para suas colônias na América do Sul e na África, sendo que, dificilmente recebia imigrantes. Todavia, a partir da década de 1970, com o processo de descolonização africana, isso se inverteu, pois o país passou a receber muitos portugueses que residiam em suas colônias na África. De acordo com Ferreira (2000, p.364), entre 1974 e 1976, o país recebeu cerca de 505.000 retornados dessas colônias. Tal situação causou um forte impacto na realidade socioeconômica do país. Já na década de 1980, segundo Cunha (2005, p.541) houve um aumento de imigrantes provenientes dos *Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (PALOP). Ademais, cabe ressaltar que, após a *Revolução dos Cravos*⁷, nos anos 1970, aumentou o número de imigrantes em Portugal devido ao processo de industrialização e à entrada do país na *Associação Europeia de Livre Comércio*⁸.

⁶ O termo “Desafios Contemporâneos” foi inspirado no livro “Desafios Contemporâneos em Comunicação – Perspectivas de Relações Públicas” (FREITAS; LUCAS, 2002).

⁷ A *Revolução dos Cravos* foi um movimento político que derrubou a ditadura de Salazar (1932-1974) a fim de garantir a democracia em Portugal em 1974 (PORTAL BRASILESCOLA.COM, 2012).

⁸ Trata-se, segundo Normande (2009, p.1), “[...] de um acordo comercial entre Portugal, Reino Unido, Áustria, Dinamarca, Noruega, Suécia e Suíça que não faziam parte da Comunidade Econômica Europeia (CEE)”.



A intensificação dos fluxos migratórios é uma característica da sociedade global. De acordo com Castells (2000) vivemos em um conjunto social interligado por novas tecnologias, na qual as pessoas procuram as melhores oportunidades de vida e trabalho. Por isso, Portugal tem se tornado o destino preferido de muitos imigrantes, ainda mais após a nação ter ingressado na *Comunidade Econômica Europeia* (CEE) que lhe conferiu um *status* econômico e social de país desenvolvido. Nesse fluxo, a partir da década de 1990, muitos brasileiros passaram a imigrar para Portugal em busca de novas oportunidades de vida. Trata-se de um momento histórico em que o Brasil passava por diversas dificuldades econômicas e sociais como os altos índices inflacionários e nível acentuado de pobreza da população. De qualquer modo, é um fenômeno que se inseria, na visão de Patarra (2005, p.3) “[...] na reestruturação produtiva em nível internacional” proporcionada pela Globalização. Inicialmente, segundo Cunha (2005), a imigração brasileira para Portugal foi de indivíduos de *status* econômico elevado, em torno de 20.000 brasileiros. Já em um segundo momento, foi de imigrantes de perfil diversificado, em torno de 100.000 brasileiros.

Nos anos 2000, a situação financeira de Portugal mudou drasticamente. Os avanços econômicos da década de 1990 ficaram para trás, o país passou a ter dificuldades econômicas no início do século XXI que foram intensificadas pela crise financeira mundial de 2008/2009. Nesse cenário, a imigração brasileira tem sido mal vista pelos portugueses porque eles acreditam que a presença desse grupo pode aumentar a concorrência por empregos no país. Dessa forma, há uma discriminação dos imigrantes brasileiros, muitas vezes, por meio de representações comuns sobre o Brasil como o jogador de futebol (que representa a malandragem) e a prostituta (que representa o sexo).

Segundo o *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras* (SEF) de Portugal (apud LUSA, 2009, p.1), existem cerca de 107.000 brasileiros vivendo em Portugal na atualidade. Entre esses imigrantes, quase metade são mulheres, de 18 a 40 anos, provenientes da região Sul e Sudeste do Brasil, com grau de escolaridade médio (CUNHA, 2005). São mulheres que exercem ocupações sociais desqualificadas e aquém de sua formação educacional. Vivem em condições temporárias, precárias e ilegais. Entre elas, há também, segundo ROSSI (2011, p.104), “[...] mulheres imigrantes brasileiras em Portugal [que], por opção ou não, tornam-se prostitutas”.

Frente a isso, há outros motivos que estigmatizam e prejudicam a presença da mulher imigrante brasileira e a construção de sua identidade entre os portugueses. Ainda



de acordo com a mesma autora (2011), pelo histórico de relacionamento em comum entre Brasil e Portugal nos últimos séculos, temos a construção de modos específicos de relacionamentos entre os dois países e de algumas representações, os quais são captados pela mídia e transformados em diversos produtos midiáticos. Entre eles temos: as diversas novelas brasileiras que são exibidas em Portugal desde a década de 1970; a publicidade e a propaganda que são promovidas pela *Empresa Brasileira de Turismo* (EMBRATUR) em Portugal para incentivar o turismo no Brasil; as matérias de jornais, revistas e televisão na mídia portuguesa e internacional, etc. São conteúdos que tropicalizam o Brasil em torno de elementos como o “à-vontade” e o “calor humano”. São enfoques que não abrem espaços para outras abordagens sobre a mulher imigrante brasileira.

O enfoque dado pela mídia cria, muitas vezes, percepções negativas sobre ela entre os portugueses. Um exemplo dessa situação foi quando ocorreu o episódio *Mães de Bragança*, em 2003, em que algumas mães e esposas acusaram algumas prostitutas brasileiras de “destruírem seus lares”. Segundo o movimento, seus maridos frequentavam casas de prostituição na cidade de Bragança, em que a maioria das prostitutas eram de nacionalidade brasileira. Por isso, as *Mães de Bragança* pediram que as autoridades locais expulsassem as prostitutas brasileiras ilegais do país. O acontecimento ganhou bastante repercussão na mídia portuguesa e internacional, o qual intensificou a associação da mulher brasileira com a prostituição⁹. Desse modo, como consequência, criou-se uma percepção negativa não somente das prostitutas brasileiras, mas de forma generalizada da mulher imigrante brasileira em Portugal. A nacionalidade tornou-se um fator discriminatório da mulher imigrante brasileira em Portugal, independente do que ela esteja fazendo no país.

Acreditamos que essa situação aconteça porque os portugueses não conhecem muito bem o modo de ser/estar/agir da mulher brasileira. Segundo Cunha (2005), existem poucos estudos sobre as comunidades de imigrantes brasileiros em Portugal. Isso ocorre também com a imprensa portuguesa, que de acordo com Sousa (2002, p.43), “[...] desconhece as várias facetas da imigração [brasileira] em Portugal”. Nesse contexto, Agustín (2005) aponta que existem muitas organizações e movimentos sociais

⁹ Conforme Cunha (2005) e Jota (2008) existe em Portugal uma associação comum da mulher brasileira à prostituição. Há diversos motivos como a colonização portuguesa no Brasil e o carnaval brasileiro que levaram à construção dessa percepção. De qualquer modo, era uma percepção comum antes do movimento *Mães de Bragança* e que foi intensificada pela repercussão midiática do episódio (ROSSI, 2011).



que dão assistência a imigrantes brasileiros de forma inadequada, pois não conseguem atender as necessidades desse grupo. Faltam estudos que identifiquem os principais problemas e dificuldades desses imigrantes brasileiros em Portugal.

Entre as organizações e movimentos sociais que dão assistência a imigrantes brasileiros em Portugal, está a *Casa do Brasil de Lisboa* (CBL), que é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada por imigrantes brasileiros em Portugal e por portugueses amigos do Brasil em 1992. Ela defende, segundo Vianna (2012, p.1) “[...] os interesses de todos os imigrantes em Portugal, em especial os brasileiros e os de origem lusófona, dentro de uma ótica de integração e de luta pela igualdade de direitos e responsabilidade cidadã”. Sua atuação se direciona, principalmente, ao debate e à reflexão de temas ligados à política de imigração em Portugal e contra o racismo e a xenofobia, entre outros. O presidente da associação, Vianna (2012) acredita que a CBL seja um espaço de promoção da diversidade e da cultura brasileira em Portugal. Por isso, a organização promove uma série de atividades permanentes à comunidade de imigrantes brasileiros, a saber: (CASA, 2013),

- *Atendimento e orientação*: informações a respeito das leis de imigração e assuntos correlatos;
- *Centro de Apoio Jurídico* (CAJ): orientações aos associados de natureza jurídica e social;
- *Gabinete de Inserção Profissional* (GIP): apoio aos imigrantes brasileiros para se inserirem e se manterem no mercado de trabalho;
- *Centro de Documentação* (CEDOC): trata-se de um acervo de livros, dossiês temáticos e coleção de revistas e jornais do Brasil para divulgar a cultura brasileira;
- *Cbnet*: disponibiliza uma rede de computadores conectados à internet aos seus associados;
- *Jornal Sabià*: é uma publicação voltada aos imigrantes brasileiros em Portugal;
- *Gabinete de Psicologia*: oferece assistência psicológica aos brasileiros a fim de ajudá-los a se adaptarem à situação que estão vivendo;
- *Aulas de Dança*: cursos de danças típicas como forró, salsa de gafieira, samba no pé, etc.

Para atender aos seus associados (entre os quais está a mulher imigrante brasileira), a CBL disponibiliza os seguintes canais: atendimento pessoal, telefone, e-mail e um site



na internet com informações gerais sobre suas atividades e uma página na rede social *Facebook* com muitas fotos, principalmente dos cursos de dança e atrações culturais que a entidade promove¹⁰. Disponibiliza também uma versão on-line, mensalmente, da sua programação cultural aos seus associados. Além disso, a CBL atua em parceria com diversas organizações e redes internacionais que defendem os direitos dos imigrantes. Entre as suas articulações e negociações, a instituição conseguiu, em 2003, a aprovação do “Acordo Lula” junto ao governo português que autorizou a legalização de cerca de 20.000 imigrantes brasileiros em Portugal.

Embora pareça ocorrer uma atuação intensa dessa organização, suas atividades, estão voltadas somente para a aceitação da mulher imigrante brasileira em Portugal, apoio jurídico e atividades recreativas. As ações se restringem a uma noção estereotipada da imagem da comunidade de imigrantes brasileiros, e mais especificamente da mulher imigrante brasileira em Portugal.

As necessidades e interesses desse grupo são muito maiores; não há ações voltadas para os interesses específicos desse grupo como a desconstrução de estereótipos em relação à imagem da mulher brasileira (CUNHA, 2005; ROSSI, 2011), ajuda a imigrantes brasileiros que querem voltar para o Brasil devido à grave crise econômica que assola a sociedade portuguesa nos últimos anos (SOARES, 2012), etc. Há como nos dizem Cunha (2005), Sousa (2002) e Augustín (2005), há um desconhecimento geral em relação às necessidades da comunidade de imigrantes brasileiros em Portugal.

Dessa forma, na relação entre CBL e as mulheres imigrantes brasileiras no território lusitano, percebemos que há somente um relacionamento comunicativo, segundo a classificação de Wolton (2006), o *funcional*, de troca de informações básicas, em um nível mais superficial entre os envolvidos na dinâmica. A dimensão *normativa* da comunicação não está presente porque não há diálogo, compreensão e interação entre a CBL e as mulheres imigrantes brasileiras, haja vista que percebemos que a primeira não escuta o que a segunda tem a dizer. Acreditamos que haja uma *(in)comunicação* nessa relação, já eivada de ausência de compreensão e sensibilidade, de um olhar apurado para a “alteridade de interesse”, o que, na esteira de Wolton instaura um dos maiores desafios do século XXI, “organizar a convivência entre pontos de vista

¹⁰ Em uma análise geral do conteúdo percebemos que há poucos comentários dos seus seguidores acerca do conteúdo disponibilizado pela CBL no *Facebook*. Parece não ocorrer uma interação neste espaço, apenas a divulgação de informações pela CBL.



contraditórios num mundo onde cada um vê tudo e quer conservar sua identidade e sua liberdade de expressão”. (2011, p.87).

Diante deste cenário, pensamos que a CBL poderia promover a dimensão *normativa* da comunicação neste relacionamento, se houvesse o olhar e a sensibilidade da atividade de Relações Públicas, ancorado no modelo comunicacional de *compreensão mútua*, buscasse conhecer, por meio de pesquisas de opinião pública, as necessidades deste público de relacionamento da CBL. O levantamento dessas informações possibilitaria à entidade, propor ações voltadas para esse grupo, condizentes com suas necessidades, identidade e interesses. Por essa via, seria possível se exercer a negociação entre ambos na busca pela compreensão, respeito e lealdade. Um desafio contemporâneo, cada vez mais difícil de conseguir-se, o qual a essência democrática da atividade de Relações Públicas tem condições de desenvolver, gerir e ampliar, pois a comunicação está intrinsecamente ligada à negociação, que pode gerar a convivência, reconhecendo a importância dos públicos por trás dos sistemas tecnológicos, que apresentam um progresso ambíguo, que, conforme Wolton (2011) acelera a produção, a transmissão, a interatividade e a circulação de mensagens, mas, todavia, mascara a realidade da *(in)comunicação*.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As tecnologias não trouxeram somente benefícios para os seres humanos no contexto contemporâneo, mas trouxeram também, desafios que nos exigem a recuperação de comportamentos que ficaram lá atrás. Essa retomada, como nos sugere Wolton (2006), está relacionada à dimensão *normativa* da comunicação, a qual se refere às interações e à compreensão entre os seres humanos. Na sociedade hodierna, nosso principal problema na relação organização-públicos é a *(in)comunicação*, a falta de relacionamento interpessoal em sua forma mais comum e abrangente, como o face-to-face. Buscamos tanto a complexidade que não conseguimos mais fazer coisas simples como interagir com outro, pois amiúde precisamos de computadores e celulares para intermediar nossas relações.

Diante desse contexto, apresentamos a atividade de Relações Públicas como uma possibilidade para tentar resgatar o contato humano. Por ela, pensamos que é possível promover o diálogo, a compreensão e o respeito entre os seres humanos, minimizando o impacto da *(in)comunicação* no caldo tecnológico atual. Por isso, indicamos o que é a atividade, sua essência democrática e seus modelos comunicacionais, pois pensamos



que por meio do modelo de comunicação da compreensão mútua é possível se estabelecer formas de interações dialógicas entre sujeitos ou grupos sociais. Para mostrar a aplicação dessas reflexões, fizemos uma análise do relacionamento entre a CBL e as mulheres imigrantes brasileiras em Portugal.

Em nossa análise, mostramos os fatores contextuais que levaram à migração de muitas pessoas para Portugal, entre os quais estão as mulheres brasileiras. Além disso, relatamos como é o relacionamento entre a sociedade portuguesa e essa comunidade de imigrantes e que percepções os portugueses têm da mulher brasileira.

Há um desconhecimento geral dessa comunidade de imigrantes no país, por isso, organizações sociais como a CBL, que tentam dar apoio a esse grupo desenvolvem ações limitadas e ainda investidas de estereótipos e simplismos. No caso da CBL, faltam informações das principais necessidades e interesses das mulheres imigrantes brasileiras em Portugal. Por isso, acreditamos que o tipo de comunicação que existe no relacionamento entre ambos é apenas *funcional*. Não há uma interação entre eles que possibilite o diálogo, a convivência e a compreensão. Dessa forma, sugerimos que o profissional de Relações Públicas poderia construir o elo desse relacionamento, ao conhecer melhor as necessidades e peculiaridades dessas mulheres, por meio de pesquisas de opinião pública, a fim de estabelecer a compreensão, o respeito e o diálogo.

Tais princípios originários e norteadores da atividade de Relações Públicas a condicionam e possibilitam que ela seja uma alternativa para os desafios contemporâneos que emergem no contexto de *(in)comunicação* que estamos vivenciando. Se a convivência pressupõe o primado da tolerância que resulta na experiência com a alteridade e as Relações Públicas existem para/por um mundo mais justo, pensamos que além do que fora exposto nesse artigo, enfrentamos, na hodiernidade, o desafio dos desafios: aprender a conviver em paz, algo que exige a interferência de forças políticas, culturais, ideológicas, sociais e, sobretudo, comunicacionais e das Relações Públicas dialógicas.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN, L. M. La Industria del sexo, los migrantes y la familia europea. **Cadernos Pagu**. jul-dez 2005, p.107-128.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede** – A era da informática: economia, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.



CUNHA, I. F. A mulher brasileira na televisão portuguesa. Actas III. Congresso da Associação Portuguesa de Comunicação. **BOCC**. 2005. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/cunha-isabel-a-mulher-brasileira-na-televisao-portuguesa.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2012.

CUTLIP, Scott; CENTER, Allen; BROOM, Glen. **Effective Public Relations**. 9 ed. New Jersey: Prentice-Hall. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 1999.

FERREIRA, J. M. Após o 25 de abril. In: TENGARRINHA, Jose (Org). **História de Portugal**. Bauru: Edusc. São Paulo: Unesp. Portugal: Instituto Camões. 2000.

KUSNCH, M. M. K. **Relações Públicas e Modernidade** – novos paradigmas na comunicação organizacional. 3 ed. São Paulo: Summus, 1997.

LUSA, Fátima: Maior problema da comunidade imigrante brasileira é a imagem que lhe está associada - Obra Católica de Migrações. **Jornal Expresso. Actualidade**. 11 ago. 2009. Disponível em: <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=ex.stories/530303>. Acesso em: 15 maio 2010.

NORMANDE, Naara Lima. Uma investigação no discurso da revista Time. **Observatório da Imprensa**. 23 set. 2009. Ed. 526. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_investigacao_no_discurso_da_revista_time. Acesso em: 20 fev. 2012.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo. Jul./Set. 2005, v. 19, n. 3. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000300002&script=sci_arttext. Acesso em: 30 jan. 2012.

PINHO, Julio Afonso. O contexto histórico das Relações Públicas. **Historia Licenciatura**. 2011. Disponível em: <http://hid0141.blogspot.com.br/2011/05/o-contexto-historico-das-relacoes.html>. Acesso em: 26 abr. 2012.

PONTE, João Pedro. Estudos de caso em educação matemática. **Bolema**. 2006 n. 25 p.105-132.

PORTAL BRASIL-ESCOLA. Revolução dos Cravos. História do Mundo – Idade Contemporânea. 2012. Disponível: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_investigacao_no_discurso_da_revista_time. Acesso em: 20 fev. 2012.

ROSSI, Jéssica de Cássia. **As representações da mulher brasileira na mídia portuguesa: jornal Expresso**. 255 f . Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura, Artes e



Comunicação (FAAC), Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp-Bauru), 2011.

SOARES, Felipa. Brasileiros dizem que não dá mais para ficar em Portugal. **Swissinfo.ch**. 19 jun. 2012. Disponível em: http://www.swissinfo.ch/por/sociedade/Brasileiros_dizem_que_nao_da_mais_para_ficar_em_Portugal.html?cid=32830002. Acesso em: 16 maio 2013.

VIANNA, Carlos. Quem somos. **Casa do Brasil em Lisboa**. 2012. Disponível em: <http://www.casadobrasil.info/index.php/quem-somos/5-quem-somos>. Acesso em: 20 fev. 2012.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus. 2006

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.